



# PAISAGEM SONORA

paisagemsonorabahia.org  
@paisagemsonorabahia

salvador,  
dezembro de 2024

## FICHA TÉCNICA

**CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL**  
Danillo Barata  
**CURADORIA**  
Cláudio Manoel, Danillo Barata, Goli Guerreiro, Iansã Negrão, Tatiana Lima, Vince de Mira  
**CURADORIA DA EXPOSIÇÃO “J. CUNHA: RITMO E REVOLUÇÃO”**  
Danillo Barata e Thais Darzé  
**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**  
Cláudio Manoel e Tatiana Lima  
**COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO**  
Vince de Mira  
**PRODUÇÃO**  
Maquinário  
**EQUIPE DE PRODUÇÃO**  
Cleise Almeida, Mangiao, Robson dos Santos Oliveira, Carlos José da Silva  
**TÉCNICO DE SOM**  
Marcos Sampaio  
**SONORIZAÇÃO E LUZ**  
Canal Som  
**PROJEÇÕES**  
VJ Gabirú  
**MONITORES**  
Ananda Russell, Bernardo Guimarães, Danilo Pena, Gustavo Godoy, Kelvin Jordan, Lorena Porto, Marcus Ramos, Renan Dias e Victoria Freitas  
**COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO**  
Aline Valadares (DASA)  
**ASSESSORIA DE IMPRENSA**  
Aline Valadares e Enoe Lopes (DASA)  
**GESTÃO DE REDES SOCIAIS**  
Vic Zacconi e Aline Valadares (DASA)  
**REGISTRO FOTOGRÁFICO**  
Dj Môpa e Sandrine Souza  
**IDENTIDADE VISUAL E PROJETO GRÁFICO**  
Casa Grida  
**SITE**  
Concept ONE Tecnologia  
**ILUSTRAÇÕES**  
J. Cunha  
**APOIO CULTURAL**  
Paulo Darzé Galeria, Museu de Arte Contemporânea da Bahia MAC\_Ba, IPAC e SECULT Ba, Educadora FM Bahia e TVE Bahia  
**APOIO**  
Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão (FAPEX)  
**REALIZAÇÃO**  
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC/UFRB) e Fundação Cultural Palmares

## APRESENTAÇÃO

O Programa Paisagem Sonora: Música, Cultura e Resistência é uma iniciativa que articula formação, pesquisa, difusão artística e fomento cultural, tendo como eixo central a valorização dos saberes e práticas das Organizações da Resistência afro-brasileira.

O Paisagem Sonora é um programa de extensão e se caracteriza como uma política pública universitária que compreende a música como um campo epistemológico, como linguagem de pertencimento e como tecnologia ancestral de comunicação, educação e luta. Ele nasce do território — mais precisamente do Recôncavo baiano —, mas com um alcance que dialoga com o Brasil profundo e com a diáspora negra.

Desde sua criação, o programa atua em quatro dimensões principais. Na de formação oferecemos cursos, oficinas, seminários e jornadas pedagógicas voltadas para a implementação da Lei 10.639/03 e para a formação antirracista de professoras e professores da educação básica. Na dimensão de pesquisa estamos produzindo e reimprimindo cadernos pedagógicos, publicações, documentários e arquivos digitais voltados à memória da música negra e às experiências de educação popular.

Com a difusão e circulação realizamos mostras, concertos, intercâmbios e o Festival Paisagem Sonora, cuja VII edição será realizada em 2025. Por fim, na dimensão de fomento e apoio direto a grupos culturais, estamos promovendo o fortalecimento de corais comunitários, grupos de percussão, escolas de música populares e mestres da tradição oral.

Dentro desse contexto, é fundamental destacar a parceria com as Organizações da Resistência, que têm sido colunas vivas do programa. Falar dessas organizações é falar de trajetórias que, há décadas, transformam o tambor em voz política, o ritmo em crítica social, e a música negra em instrumento de reexistência.

Essas organizações são, ao mesmo tempo, coletivos culturais, escolas de formação cidadã e referências internacionalmente reconhecidas por sua atuação em prol dos direitos humanos e da equidade racial. Suas histórias estão inscritas nos corpos e nas ruas das cidades brasileiras, mas também nas lutas mais amplas do povo negro no país.

No âmbito do Paisagem Sonora, as Organizações da Resistência têm colaborado com ações formativas voltadas para professores da rede pública e educadores populares, desenvolvendo oficinas de música e cultura negra e contribuindo para a produção de materiais didáticos que articulam percussão, história e consciência crítica.

Vale destacar ainda que, em 2024, o tema da VI edição do Festival Paisagem Sonora foi justamente Organizações da Resistência, partindo da obra visual do artista J. Cunha e se inspirando no mote que importantes blocos afro levaram às ruas em 1995. Relembramos ali que resistência também é estética, que a memória é um ato político, e que a cultura é um campo de disputa simbólica e material.

Ao integrar essas organizações ao programa, a universidade não apenas reconhece suas trajetórias, mas reafirma o compromisso com uma universidade decolonial, antirracista, plural e engajada com os saberes do território. Essa parceria rompe com o paradigma de uma academia que se fecha em si mesma e constrói, em seu lugar, uma universidade que escuta, aprende e caminha junto com os movimentos e as comunidades que historicamente foram silenciadas.

O Paisagem Sonora tem, portanto, como horizonte o fortalecimento de redes e ações que se situam entre o chão da escola, o tambor da rua e a escuta da ancestralidade. E a parceria com as Organizações da Resistência tem sido essencial nesse processo.

Estamos convictos de que só é possível transformar a educação se a cultura estiver no centro do processo formativo. E só é possível transformar a cultura se ela for pensada a partir das margens que sempre resistiram — e que agora reivindicam centralidade.

Seguimos, assim, construindo uma extensão que é política, poética e pedagógica. Uma extensão que pulsa com o batuque da resistência e que ecoa a força dos povos negros e das organizações que constroem, todos os dias, outras formas de existir, educar e transformar o mundo.

3 4

## 5 DEZ ABERTURA PAULO DARZÉ GALERIA 18H

## 6 DEZ ATIVIDADES FORMATIVAS MAC\_BAHIA 14—16H

A Oficina Criativa Edição Especial do Gabinete de Investigação do Desenho

**14h, com J. Cunha, Iansã Negrão e Lia Cunha**  
É uma ação artística com giz no paredão do jardim. A oficina destaca o legado cultural do Carnaval Negro, com uma abordagem prática, destacando os fundamentos estéticos e históricos da cultura afro-brasileira. Para todas as idades.

Seminário “Música e Educação: Arquivos, Livro de Artista e os Cadernos de Educação do Ilê Aiyê”.

**16h, com J. Cunha, Iansã Negrão, Danillo Barata, Arany Santana, Valéria Lima e Rita Maia.**  
O seminário abordará como as tradições visuais e sonoras do Ilê Aiyê contribuem para a educação e resistência cultural.

# AGENDA

Abertura do Festival com a exposição **J. Cunha: Ritmo e Revolução** e lançamento do Livro **J. Cunha e o Carnaval Negro**

O VI Festival Paisagem Sonora inicia sua programação com a abertura da exposição individual de **J. Cunha: Ritmo e Revolução** e o lançamento do livro **J. Cunha e o Carnaval Negro**, na Paulo Darzé Galeria, dia 05 de dezembro (quinta-feira), a partir das 18h. A entrada é gratuita e sujeita à lotação do espaço.

A exposição individual conta com pinturas, instalações e objetos. A montagem ocupará a galeria inteira, proporcionando uma imersão completa na obra. Já o livro **J. Cunha e o Carnaval Negro**, com curadoria de Danillo Barata, apresenta a história e as obras do artista José Antônio Cunha que fazem parte do imaginário visual do Carnaval dos blocos afros, em especial suas contribuições para bloco Ilê Aiyê.

Com visitação de segunda a sábado, a exposição individual **J. Cunha: Ritmo e Revolução** reúne obras de diversos momentos na trajetória artística de J. Cunha e que, seja por questões temáticas ou formais, dialogam com as formas e objetos de design que o artista criou ao longo de seu trabalho como designer do bloco Ilê Aiyê. A exposição tem curadoria de Danillo Barata e Thais Darzé.

## 7 DEZ ATIVIDADES FORMATIVAS MAC\_BAHIA 14—16H

Oficina “Sistemas Sonoros e Visualidades”

**14h30, com Zé Raimundo**  
Na oficina, Zé Raimundo da Canal Som apresentará técnicas de manipulação sonora que combinam visualidades digitais, criando novas formas de percepção artística para aqueles que se interessam pela intersecção entre tecnologia e arte.

Seminário sobre Samba Reggae

**15h, com Goli Guerreiro, Edbrass e Vivian Caroline**  
O seminário discute o impacto do samba reggae na Bahia. Os palestrantes Edbrass, Goli Guerreiro e Vivian Caroline, explorarão as dimensões musicais, sociais e políticas do gênero, abordando sua importância como expressão cultural e ferramenta de resistência.

## 8 DEZ ATIVIDADES FORMATIVAS MAC\_BAHIA 14—16H

Seminário “Clube da Radiola – 40 anos do álbum ‘Canto Negro – Ilê Aiyê”

**14h30, com Andre Urso, Giba Gonçalves e Nadja Vladi**  
Em comemoração aos 40 anos do álbum **Canto Negro** do Ilê Aiyê, o DJ Andre Urso e o percussionista Giba Gonçalves fazem uma audição comentada do disco, com mediação da pesquisadora e jornalista Nadja Vladi. Eles vão tocar faixas do vinil e falar sobre aspectos sonoros e culturais, num diálogo aberto à participação do público.

APOIO CULTURAL

REALIZAÇÃO



# S H O W S



## 6 DEZ SEX

mac\_ba, a partir de 19h

### VJ GABIRU

As criações visuais de VJ Gabiru exploram a **natureza anamórfica das imagens** desconstruindo-as num universo de cores e gráficos, relacionando o universo de imagens da cultura de massa com o caldeirão étnico cultural do Brasil, estabelecendo conexões entre fluxos de imagens e ritmo com a música e também com o espaço, a partir da tridimensionalidade do video mapping.

## 7 DEZ SAB

mac\_ba, a partir de 19h



### RAFA DIAS (RDD)

Rafa Dias (RDD) é um **produtor musical, DJ e artista baiano**. Idealizador do grupo ATTØØXXÁ, fundado em 2015, que se tornou conhecido por misturar ritmos como pagodão baiano, samba-reggae e música eletrônica, criando uma sonoridade inovadora de projeção nacional e internacional. Além de seu trabalho com o ATTØØXXÁ, RDD lançou sua carreira solo com o projeto "Salcity Sounds", conectando ritmos baianos com movimentos culturais e musicais afro ao redor do mundo.

### BRUXA BRABA

Bruxa Braba é o nome artístico da DJ, pesquisadora musical e ativista soteropolitana Mônica Sena. Seu estilo musical é marcado pela fusão de ritmos como hip-hop, pagodão baiano, funk e música eletrônica, criando sets que celebram a diversidade e a ancestralidade afro-brasileira e ainda discutindo identidade, resistência e pertencimento, contribuindo para a discussão sobre a importância da arte periférica.



### GRUPO CASA DO HIP HOP BAHIA

O grupo Casa do Hip Hop Bahia faz uma performance com DJ Branco, os MCs Mas Pitbull, Azéh, Ruto e Nutt, além do break dance de Vick, Cacau, Donatelo e Pêro Vaz. A Casa do Hip-Hop Bahia é um polo de formação e produção em arte-educação, empreendedorismo, tecnologia da informação e inovação, além de ser uma referência sociocultural e de articulação estratégica da cultura hip-hop e da juventude negra.

### MATEUS ALELUIA

Mateus Aleluia, natural de Cachoeira-Bahia, é cantor, compositor e pesquisador. Conceituado no cenário da World Music Mundial, seu trabalho é destacado pela imprensa especializada na Inglaterra, França e Estados Unidos. Em 2020 comemorou 50 anos da carreira que se iniciou no trio vocal Os Tinoços, grupo pioneiro em trazer à MPB o universo poético-musical das religiões afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda.

### MARIELLA SANTIAGO

Mariella Santiago é compositora, cantora, produtora musical e pesquisadora nascida em Salvador. Seu trabalho integra referências afro-baianas tradicionais a movimentos estéticos contemporâneos e é marcado por premiações como Prêmio Braskem de Música, Itaú Rumos, Natura Musical e Conexão Vivo.

## 8 DEZ DOM

mac\_ba, a partir de 19h

### REI LACOSTE

Rei Lacoste é rapper, compositor, produtor musical e audiovisual, e designer soteropolitano que utiliza do pop ao experimentalismo para traduzir o diálogo entre cultura de massa, popular, erudita e experimental.

### VÍRUS

Vírus é um artista **multi-linguagens soteropolitano**, que, em seu trabalho criativo, pesquisa as artes contemporâneas traduzindo-as em performances expressivas que permeiam a música, a poesia, o canto, a dança e o visual, linguagens e expressões identitárias que dialogam em sua potência inventiva.

### ANA DUMAS

É artista **multimídia, com formação em filosofia (UFBA), mas se define como Ideas Jockey (IJ)** ou "deejay de ideias, conceitos, pensamentos" (A.K.A. IJ Abutre). Inspirada nos carrinhos de café baianos, criou o CARRINHO MULTIMÍDIA, uma estação de arte e comunicação ambulante. Com ele, sampleou, remixou e compartilhou, em tempo real, memórias do século 21.

